

(o fosso)

Sobre a piscina, a figueira recorta um zumbido. Escondida atrás do loureiro, junto ao poço, a criança chama a distância: há um nome que se prolonga sem resposta: assim começa o exílio: passo a passo, parto a parto, alguém desenha o mapa:

a mão anónima tem a precisão imensa de uma fuga.

:

Sob a figueira, os reflexos transformam a água num golpe. Abelhas e libelinhas mortas deslocam a sombra no fundo de azulejos.

Ouve-se respirar. Ou a imobilidade a partir-se?

(a casa)

Uma arma é  
a intimidade mais antiga que habita uma casa:  
na penumbra das salas, qualquer objecto inicia uma guerra,  
porque as palavras resvalam por um corpo de ossos  
mas a mão incerta da criança  
descobre a solidez de uma pedra,  
de um reflexo ao lado do pão  
ou na unha um prego cravado na pele.

(a arma)

a intimidade da arma, a intimidade do sangue, aprendem-se na primeira carícia, nas primeiras duas palavras: sulcos ou feridas, sustos ou crimes,

:

Uma criança mede o futuro:  
com a imprecisão dos pequenos gestos  
descobre a minúcia assassina de um movimento

()

assim começa e acaba a execução

:

um deus que foi de barro,  
um deus de feira  
volta à sua morte,

estrangeiros somos, quando revisitamos a memória com a memória; cada passo torna mais inóspita a terra pisada, e deixa um molde que outros passos apagarão; não reconhecemos as próprias mãos, o copo de vinho na mesa, a luz insidiosa na toalha, a penumbra que chama ruína à casa; somos alguém que só encontrará repouso nas palavras de uma língua estranha; por mais tempo, por todo o tempo, nada se tornará uma posse. Sabemos? O que sabemos? A verdade tem origem numa guerra e quebra o silêncio do retorno. Mas o objecto que nos sai das mãos refaz por um momento a integridade perdida. E à

integridade chama-se beleza. Ao que explora olhos, ouvidos, dedos, corpos. E nessa exploração deixa o rasto, o rosto?, do inacabado. O que sabemos? Sabemos? Talvez só desencontros. Por vezes, um nome que não se deixa dizer:

:

Du sollst zum Aug der Fremden sagen: Sei das Wasser.

:

Os olhos da estrangeira perdem, perdem-se, e crescem, crescem, tornam-se tudo:

o abandono do próprio esquecimento?

a hesitação de uma frase?

:

Só o que morre pode ser dito:

qualquer condenado é a fonte de uma palavra imensa.

*o animal peregrino constrói a eternidade em cada desencontro.*

*E depois afasta-se pelo alcatrão esburacado.*

*Nunca. Ou quase.*

*São assim os subúrbios.*

*o poder separa, o corpo une, o poder separa o corpo mas, une uma voz a outra voz, uníssono o clamor tudo executa, e assim tira, a cada voz a sua pausa a sua casa,*

:

*uma voz contínua é uma corda, uma cobra na página de um livro, de um sítio a outro vai com a mentira, um quarto reduzido a uma trave de onde pende, o laço de um vento imperceptível, somos todos a espera de uma corda sursum corda, o coração e a corda somos todos, um corpo unido à sua corda somos todos, os pés a rasar a sombra térrea somos todos, mais dia menos dia somos todos, este nó corredio não se desata, mas tem a voz solta da ameaça, este nó corredio é a vontade, a última*

*vontade da palavra, que obriga um corpo a qualquer laço, da cabeça aos pés a linha firme, o prumo o rumo o estrume, de um pedreiro manhoso a ronha e o ranho, artigo definido artículo morto*

*repartir o silêncio pelas palavras, a alegria da sua execução mas, não há muro para elas, nem a madrugada dos muros nem, por vezes só uma letra viajante as desfaz*

*:*

*talvez o sol sem muros seja a verdade, a queda e os escombros, talvez o entulho, essa execução de qualquer nome, talvez a erva, esse nome obstinado de uma cor, que tudo apaga com a fúria de uma rasoira, lavra brutal:*

*o verde cria o verde,*

*o muro cria o muro:*

*eis o que resta depois de:*

*o verde e o muro.*

*A história corrompe, mas a palavra*

*errante, o erro*

*da sua desmesura, quase*

*ilumina*

*:*

*sob uma data, que princípio nos espera? Uma data inicia uma corda? Saberei de novo perder-me? Encontrarei a vereda não trilhada, a árvore sem a boçalidade de uma tarde de domingo?*

*outro sémen, outro cuspo, outra pele, outra morte?*

*uma palavra inacabada de surgir,*

*como um cardo*

*que repele o azul até à sombra?*

*Porque.*

*A luz, um cardo recorta-a, numa secura quebradiça,*

*hirta,*

*de um animal cheio de medo, concentrado pelo medo,  
tão só, que responde  
à agressão, com a imobilidade de um fóssil  
;  
um cardo repete a aspereza, a areia,  
e a sombra queima, a sombra quem,  
dá à presa os olhos do predador: dissemina o contágio,  
dá ao predador os olhos da presa: dissemina o terror,  
também, assim, por vezes  
a frase começa,  
entre grito e nome, esses dois muros, essas duas mortes,  
enquanto o animal peregrino resguarda  
nas pálpebras o medo,  
delicada construção,  
e os ossos  
aprofundam o seu osso:  
o branco de uma nuvem  
de pó, a aridez,*

Sentado na sela, à frente do velho, os seus braços ladeando-me, o mundo ficou pela primeira vez do tamanho de um mundo, tão distante que os meus olhos tudo abarcavam, no interior imenso da sua curvatura, os sons ouviam-se como seixos numa queda intermitente, isolados caíam, mesmo quando da terra me chegavam aos ouvidos, eu era feliz e não sabia que ao meu lado, ou atrás, mas tão perto, o ódio esperava um tempo, corria para mim a mão brutal que me taparia a boca, a fixidez negra das pupilas em redor, os lábios entreabertos pelo cuspo, os cães a ganirem para dentro o medo que lhes tornava os olhos salientes, bolas de lustro pegajoso, eu não sabia, mas tudo me esperava, como uma casa espera uma agressão, para se colar à minha pele e nunca mais me abandonar, carregamos todos uma casa, somos a casa de uma